



OSWALD E MÁRIO: UMA GUERRA REVISTA E AMPLIADA POR HAROLDO DE CAMPOS

OSWALD AND MÁRIO: A REVISED AND AMPLIFIED WAR BY
HAROLDO DE CAMPOS

Thiago de Melo Barbosa*

* thiagomelob@hotmail.com
Doutorando em Teoria e História Literária pela Unicamp (Campinas-
SP).

RESUMO: Partindo da revisão empreendida pelo poeta concreto Haroldo de Campos acerca da obra de Oswald de Andrade, o presente artigo analisa os momentos em que, dentro de tal processo de reabilitação do autor de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Haroldo, em conjunto com os outros poetas do concretismo, constrói um discurso crítico que converge para a ampliação da famosa querela do nosso modernismo: a “guerra” entre seus líderes, Oswald e Mário de Andrade. A ideia central é de que o poeta-crítico, repensando essa disputa, que até então vinha sendo vencida pelo autor do *Macunaíma*, intenta promover uma bifurcação na história da literatura brasileira. Com isso, discute-se a vinculação do embate Mario/Oswald a um projeto maior de revisão da tradição literária nacional, no qual a crítica concretista, e em especial a haroldiana, irá se engajar do início ao fim de sua atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição literária; Revisões; Oswald de Andrade; Mário de Andrade; Haroldo de Campos.

ABSTRACT: Starting from the revision undertaken by the concrete poet Haroldo de Campos about the work of Oswald de Andrade, the present article analyzes the moments which this process of rehabilitation of the author of *Memories of João Miramar*, Haroldo, together with the other poets of concretism, constructs a critical discourse that converges to the expansion of the famous quarrel of our modernism: the “war” between its leaders, Oswald and Mário de Andrade. The central idea is that the poet-critic, rethinking this dispute, which until then had been overcome by the author of *Macunaíma*, tries to promote a bifurcation in the history of Brazilian literature. Thus, the link between Mario and Oswald clash and a larger project of revision of the national literary tradition is discussed, in which the concrete criticism, especially the Haroldian, will be engaged from the beginning to the end of its performance.

KEYWORDS: Literary tradition; Revisions; Oswald de Andrade; Mário de Andrade; Haroldo de Campos.

Ao longo de sua trajetória crítico-poética, Haroldo de Campos (1929-2003) ocupou-se com muito afinco de questões referentes à tradição e história literária. No que diz respeito à literatura brasileira, sobre o assunto tornaram-se célebres trabalhos como *A ReVisão de Sousândrade* e *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira*. Menos lembrados, porém não menos importantes, são os estudos que o poeta-crítico empreendeu acerca de Oswald de Andrade, nos quais advoga pela reabilitação do poeta que, após os anos de atuação no primeiro período do modernismo, começava a cair no esquecimento. A massa textual que compõe esse interesse haroldiano — com publicações que vão de 1956 a 1992 — forma uma verdadeira “Revisão de Oswald de Andrade”, cujas partes fundamentais estão dispersas nos estudos introdutórios às reedições das obras do modernista ocorridas durante a década de 1960¹. Esta é, sem dúvida, a mais extensa e profícua atividade de revisão desenvolvida pelo poeta concreto, uma vez que acompanha todas as fases do seu pensamento crítico e neste incide, por meio da dialética entre observador e objeto observado, de modo bastante produtivo em seus momentos decisivos.

Dentre os vários temas que se desdobram desta revisão, destaca-se a infundável disputa para definir qual dos “Andrades”, Mário ou Oswald, foi a figura mais importante do

nosso modernismo. Dos trabalhos de Haroldo de Campos que integram às reedições da obra oswaldiana, já pelo título do primeiro texto que formará o estudo introdutório a *Memórias Sentimentais de João Miramar*², se vislumbra o confronto: “Miramar e Macunaíma”. De fato, as comparações entre os modernistas darão toda a tônica do ensaio. Não se trata, contudo, de investigação acerca da conhecida briga entre os autores. Está em jogo, para Haroldo e os outros concretistas — que, como se verá, também encamparam o debate —, uma disputa ideológica, um “cabo de guerra” para determinar os rumos que a nossa tradição literária seguiria. Deste modo, da polarização básica Mário/Oswald, derivará o questionamento “essencialista-partidário” sobre ser “oswaldiano” ou “marioandradino” que, por sua vez, carrega consigo todo um pendular de ideias que se deslocam, a depender da posição assumida, entre o radical e o moderado, a boemia e a concentração, o internacionalismo e o regionalismo, o esteticismo e a sociologia... e assim por diante.

A relação Mário/Oswald, como ficou registrada pela historiografia literária, possui basicamente três fases: 1. Aproximação e amizade que culminou na Semana de Arte Moderna; 2. Rompimento e ataques (especialmente por parte de Oswald na Revista de Antropofagia); 3. Reconhecimento e respeito mútuos, mas nunca uma reaproximação

1. Lembrando que os textos de Haroldo de Campos continuam acompanhando as edições mais recentes dos livros de Oswald de Andrade.

2. O texto em questão, “Miramar na Mira”, de 1964, é basicamente composto pela aglutinação de dois artigos que Haroldo havia publicado no ano anterior, 1963, no Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo, a saber: “Miramar e Macunaíma” e “Raízes Miramar”.

3. ANDRADE, M. *Aspectos da Literatura Brasileira*, p. 237. É possível problematizar o caráter elogioso da declaração de Mário levando em conta que sua retrospectiva do modernismo não é necessariamente positiva. Ainda assim, se registra aqui como mais comumente esta fala é recebida. É preciso frisar, também, que o gesto não significou um arrefecimento da mágoa, pois em carta a Murilo Miranda, o autor do *Macunaíma* deixa explícito que foi apenas uma questão de “consciência”: “Um dia, levado pela fatalidade da consciência, falei nele [Oswald] num artigo [“O movimento modernista”] [...]. Espero em Deus que nunca mais seja obrigado a isso pois do momento que li a vilania dele com que me afastei, em respeito ao meu passado fechei meu coração. E apenas. Nunca pensei, não leio ele, não falo, não quero, jamais quis saber dele” (ANDRADE, 1944 apud MORAES, 2001, p. 443).
4. Pequenas crônicas que o poeta publicou no *Correio da Manhã*, de 1944 a 1954.
5. ANDRADE, O. *Telefonema*, p. 264.
6. ELEUTÉRIO. *Oswald: itinerário de um homem sem profissão*, p. 119.

de fato. Sobre este último ponto, são conhecidos e repetidos com frequência os elogios de Mário a Oswald em sua conferência de 1942, na qual revisita o modernismo e classifica o autor de *Miramar* como: “a figura mais característica e dinâmica do movimento”³. Da parte de Oswald, são várias as notas biográficas nas quais se narra as tentativas de reconciliação com o antigo companheiro, além da alta conta em que sempre teve o *Macunaíma* e a grande comoção com a morte do seu autor. Em um “telefonema”⁴ de 1946, o poeta define Mário de Andrade como “uma das mais sonoras e estranhas personalidades nacionais”⁵.

Muito já se tentou explicar a história por meio da personalidade dos dois escritores, vistos pela famosa chave dos “opostos que se complementam”: “os dois influenciam-se e fascinam-se mutuamente, sendo um o contraponto do outro. Oswald irreverente, debochado, viajado. Mário, contido, formal, nunca foi à Europa”⁶. Tal harmonia de espíritos funcionou especialmente quando da fase heroica do movimento de 1922. Por outro lado, quando se reflete sobre as posturas que cada um assumiu perante a reavaliação do modernismo, nota-se profundo antagonismo. Neste sentido, é significativa a comparação entre “O movimento modernista” (1942), de Mário de Andrade, e “O caminho percorrido”, de Oswald de Andrade (1944), conferências nas quais os autores refletiram acerca do movimento que

encabeçaram. Nestes textos, entre outras diferenças, sobressai a destacada por Lucia Helena: “Enquanto Mário fazia uma avaliação de rumos em que repudiava o ‘calor da hora’ [da Semana de 22], Oswald nele insistia”⁷.

Essa diferença entre os “Andrades” provavelmente é a de maior relevância para a crítica concretista, uma vez que a poesia concreta pode ser vista, e, em certo sentido, assim se colocava, como um movimento de retomada dos “radicalismos” de 1922 — fundamentalmente, é óbvio, quando tais radicalismos são pensados pelo ângulo dos experimentos com a linguagem no seu nível mais estrutural: fragmentação, síntese, neologismos etc. Sendo assim, transborda dessa lógica a ideia de que ao se negar relevância das experiências do modernismo de primeira hora, nega-se não só o passado, mas também seus principais herdeiros: os poetas do concretismo. Por isso, Mário, repudiando o “calor da hora” da Semana de Arte Moderna, converte-se em “inimigo” da vanguarda, ao passo que, Oswald, insistindo na guerrilha, é tomado como um real “precursor”. Não é à toa que Oswald de Andrade, entre os autores brasileiros, é um dos primeiros nomes que comparece no famoso *paideuma* da poesia concreta.

É forte a tendência do concretismo à construção de linhagens, seus precursores são pensados como peças de uma

7. HELENA. *Um caminho percorrido*, p. 19.

8. Derivando das teorias de Ezra Pound, que dizia que um *paideuma* é a “ordenação do conhecimento de modo que o homem (ou a geração) seguinte possa encontrar a parte viva dele e perder o menor tempo possível com questões obsoletas” (POUND, 1976, p. 87), os poetas concretos, logo nos seus primeiros manifestos, determinaram um elenco de autores a partir dos quais suas incursões poéticas eram pensadas. O *paideuma* básico do concretismo é composto por Mallarmé, Joyce, e. e. cummings e Pound, mas rapidamente é expandido para comportar outros nomes, tais como o do próprio Oswald de Andrade e também de João Cabral, para ficarmos apenas em exemplos nacionais.

narrativa histórica que se faria, de acordo com os autores do movimento, por fora da historiografia tradicional. É assim que Décio Pignatari, em “Marco Zero de Andrade”, de 1964, procura explicar a “linha evolutiva” que ligaria Oswald de Andrade à poesia concreta:

Observa-se apenas que a linha que se pode traçar entre Macunaíma e Grande Sertão: veredas, para citar um caso, é uma linha evolutiva que penetra sem maiores tropeços na “literatura”, ou seja, no sistema tradicional de incorporação à história literária. Mas a linha que vai, por exemplo, de Oswald de Andrade — sua poesia, seus manifestos e suas Memórias Sentimentais de João Miramar — à poesia concreta, é uma linha revolucionária, anti-“literatura”. A primeira está na faixa da língua; a segunda, da linguagem⁹

Como se vê, Décio propõe uma visão bipartida da tradição literária brasileira, na qual por uma via se encontrariam as experiências vinculadas a certa herança mario-andradina, enquanto que por outra tem-se aquela que deriva de Oswald. Note-se que a repartição guarda em si um enfoque qualitativo: por um caminho se chega ao que é “tradicional”, por outro, ao que é “revolucionário”. No primeiro, o regionalismo do *Macunaíma* e do *Grande Sertão*, no segundo, o cosmopolitismo urbano de *Memórias*

Sentimentais de João Miramar e da poesia concreta. Em um, o trabalho de superfície, no nível da língua, no outro, o trabalho profundo, no nível da linguagem. Todos estes são aspectos que a crítica, não só de Pignatari, mas a concretista de um modo geral, busca desdobrar da querela Mário/Oswald. Interessa ao grupo muito mais do que apenas se inserir na história literária — vide o anti-“literatura” do final da citação —, antes a quer remodelar, quer (re)pensá-la como uma série de linhas de forças baseadas em critérios de afinidades técnico-formais das várias obras que a compõe.

Dos três Noigandres, depois de Haroldo de Campos, Décio foi o que mais se empenhou pela reabilitação do poeta de *Pau Brasil*. Abundam em seus textos discussões acerca da “tradição oswaldiana”. No ensaio do qual a passagem acima foi retirada, é declarado o diálogo com os textos haroldianos publicados no ano anterior — “Miramar e Macunaíma” e “Raízes Miramar”. Como também ocorre num trecho seguinte, em que Décio põe em dúvida a compreensão de Mário da “revolução” de Oswald, ao mesmo tempo em que insinua a influência deste sobre aquele: “Mário de Andrade não entendeu a profundidade e/ou não quis comprometer-se com a radicalidade de Oswald de Andrade, embora temesse e julgasse imitá-lo em *Macunaíma*”¹⁰. Por sua vez, em “Miramar na mira”, Haroldo tenta comprovar a existência de tal “imitação” através uma carta de Mário de Andrade a

9. PIGNATARI. *Contracomunicação*, p. 151.

10. *Idem*, p. 153.

Manuel Bandeira, na qual o autor do *Macunaíma* queixava-se da semelhança de um capítulo do seu livro, “Cartas pras Icamiabas”, com as teorias de Oswald (ou “Oswaldo”, como gostava de grafar o nome do amigo): “parece imitação do Oswald e decerto os preceitos usados por ele aturam subconscientemente na criação da carta”¹¹.

A ênfase nessa ideia de *imitação* não é de pouca importância para as vanguardas. Antes de representar apenas um caso específico, tal acusação funciona como um ataque à própria “essência moderna” do autor do *Macunaíma* ou, no mínimo, busca arranhar a imagem modernista de Mário de Andrade pondo em xeque seu “prestígio do novo” — para lembrarmos uma expressão usada por Antoine Compagnon em *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Tomando também como parâmetro a escala de Ezra Pound, a qual divide os escritores entre “Inventores”, “Mestres”, “Diluidores”, “Belles Lettres” e “Lançadores de moda”, pode-se dizer que no discurso empreendido por Campos e Pignatari, ambos fortemente influenciados pelas teorias do poeta d’*Os Cantos*, há uma tendência — nem sempre explicitada, mas bastante perceptível — de situar Mário na baixa categoria dos “Diluidores”, i.e, daqueles poetas que desgastam, pela imitação, os procedimentos literários criados pelos “Inventores” e consolidados pelos “Mestres”.

Décio e Haroldo trabalham com “argumentos-irmãos”, típicos da ação em conjunto da vanguarda. É fácil notar, contudo, o estilo mais agressivo do primeiro, que levará adiante a “batalha” em várias passagens do mesmo “Marco Zero de Andrade” e em outros textos. Curioso assinalar, porém, como essa leitura dos aspectos negativos de Mário de Andrade toma maiores proporções na medida em que o processo de resgate de Oswald de Andrade vai avançando. São significativas as menções ao poeta da *Pauliceia Desvairada* por parte de Pignatari nos textos de *Teoria da Poesia Concreta*: depois de Oswald, Dante e Gertrude Stein, o poeta que comparece em seu manifesto de 1956, “Nova poesia: concreta”, é Mário de Andrade. Noutro momento, em “Poesia concreta: pequena marcação histórico-formal”, de 1957, Mário será lembrado, ao lado de Oswald e João Cabral, por uma das “raras e casuais realizações” na literatura brasileira, ou seja, como uma exceção semelhante à oswaldiana¹². Por fim, em “Poesia concreta: organização”, também de 1957, o autor do *Macunaíma* é tido quase que como um “precursor inconsciente”: “Mário de Andrade parece não ter apercebido de que seu verso harmônico, levado à sistematização, acabaria por destruir o verso como unidade rítmico-formal do poema, pelo contínuo fracionamento espacial (representado pelas reticências): este passaria a interferir na estrutura, conduzindo ao poema espacial, visual”¹³.

11. ANDRADE apud CAMPOS. *Miramar na Mira*, p. xvii.

12. São vários os textos da *Teoria da Poesia Concreta*, tanto assinados por Décio Pignatari quanto por Haroldo de Campos, nos quais o autor do *Miramar* é tido como uma “exceção” dentro da literatura brasileira.

13. CAMPOS et al. *Teoria da Poesia Concreta*, p. 127.

É verdade, importa frisar, que já naquele momento as citações a Mário vinham com ressalvas. Entretanto, elas estavam muito longe do quase “É PRECISO EVITAR MÁRIO DE ANDRADE”¹⁴ que se nota a partir de quando se intensifica a proximidade, ou melhor, se estabelece a “linha evolutiva” entre a obra oswaldiana e o concretismo. Comprova isso o fato de que o mesmo Décio que tantas vezes procurou assinalar os “pontos positivos” da produção mario-andradina, irá, “em certo sentido”, comemorar o que seria uma queda do autor frente à ascensão de Oswald de Andrade. É o que se depreende de uma passagem contida no ensaio “Vanguarda como antiliteratura”, na qual Pignatari afirma que enquanto a importância de Oswald cresce, no contexto das reedições dos anos de 1960, “vai estacionando — e felizmente, em certo sentido — a de Mário de Andrade, ‘homem da língua’, que amaneirou a visão oswaldiana, tentando um sincretismo cultural conservador de regionalismos”¹⁵. Diante disso, é possível dizer que Mário de Andrade, dentro da recepção concretista, se transformará radicalmente, indo de um “precursor com ressalvas” a um simples “diluidor” regionalista de Oswald.

A conclusão é mais fácil de chegar a partir de Décio Pignatari, sempre muito assertivo e direto nos seus comentários, do que de Haroldo de Campos, que, inclusive, fará sua tese de doutorado sobre *Macunaíma*. De qualquer forma,

tem bastante pertinência o argumento de que o concretismo lê Mário de Andrade como um entrave à construção de uma história literária na qual Oswald é o protagonista de uma revolução que teria continuidade apenas com o surgimento poesia concreta. É isto que defende Anderson da Silva em sua excelente tese de doutorado, agora publicada em livro, *Mário e Oswald: uma história privada do modernismo*: “havia, no entanto, ‘uma pedra no meio do caminho’ concretista: Mário de Andrade. Afinal, coube ao autor de *Paulicéia desvairada* o mérito do marco inicial da poesia modernista, e também da teoria com o ‘Prefácio interessantíssimo’ e *A escrava que não é Isaura*”¹⁶.

Partindo dessa ideia de “entrave” que Mário de Andrade representaria, compreendem-se um pouco melhor os motivos para o seu rebaixamento pela crítica concretista. Fala-se em “rebaixamento” e não em “negação”, pois a recepção haroldiana, no que tange aos “méritos” de Mário, não se ocupará, discursivamente, em negá-los, mas, antes, em diminuir seu grau de importância. Para isso, o argumento principal é o de que o autor da *Pauliceia* teria sido “pouco radical” em seus experimentos com a linguagem, especialmente, lógico, se comparados com os de Oswald de Andrade. Procura-se incutir também, principalmente quando a comparação é no campo da prosa, a ideia de que o *Macunaíma* guarda forte débito para com as teorias

14. Para parodiarmos o próprio Mário de Andrade, que em a *Escrava que Não É Isaura* estampa em letras garrafais: “É PRECISO EVITAR MALLARMÉ” (ANDRADE, 1980, p. 240).

15. PIGNATARI. *Contracomunicação*, p. 122.

16. SILVA. *Mário e Oswald: uma história privada do modernismo*, p. 117.

oswaldianas — veja-se o caso da carta citado acima e que será muito explorado por Haroldo em outras passagens de seu texto. Já no que diz respeito à poesia, o autor reconhece a “importância histórica”, o “marco inicial”, como coloca Silva, mas afirma que em nenhum dos dois livros do então considerado “papa do modernismo”, *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema* (1917) e *Pauliceia Desvairada* (1922), “se encontra a atitude radical perante a linguagem que emerge da primeira coletânea de nosso poeta [Oswald de Andrade], e que já está no romance-invenção *Memórias Sentimentais de João Miramar*”¹⁷. Um pouco mais adiante, o crítico explicará que o primeiro tem uma linguagem “ainda bastante tradicional, exclamativa, pontilhada de sentimentalismo retórico”¹⁸, enquanto que ao segundo faltaria o “sentido de despojamento, de redução, de síntese, como o que distingue a poesia ‘pau-brasil’ de Oswald”¹⁹.

Dessa forma, mobilizando alguns paradigmas da poesia moderna, tais como a ideia de novo, de radical, de original etc., a crítica haroldiana arma uma teia sobre a figura de Mário de Andrade, por meio da qual procura desconstruir os mais consolidados méritos do autor. Assim, quando ele parece inovar com *Macunaíma*, o concretista destaca o caráter imitativo da obra, e quando, de fato, é precursor com *Pauliceia Desvairada*, ressalta que sua poesia ainda não era moderna. Ainda seguindo esta linha, na parte final

de “Miramar e Macunaíma” — correspondente ao tópico “Revolução e autocrítica” de “Mimarmar na mira” —, após demonstrar os principais pontos de contato entre a prosa dos “Andrades”, Haroldo de Campos atenua a questão dizendo que o seu objetivo não foi diminuir o prestígio do autor de *Macunaíma*, mas apenas salientar “o caráter pioneiro do experimento de Oswald” (CAMPOS, 1972, p. xxiii). O poeta-crítico defende a ideia de que, com isso, simplesmente faz justiça e recoloca a pedra fundamental da “escrita inventiva”²⁰ em seu devido lugar:

As *Memórias Sentimentais de João Miramar* foram, realmente, o verdadeiro “marco zero” da prosa brasileira contemporânea, no que ela tem de inventivo e criativo (e um marco da poesia nova também, naquela “situação limite” em que a preocupação com a linguagem na prosa aproxima a atitude do romancista da que caracteriza o poeta). Romperam escandalosamente com todos os padrões então vigentes²¹.

Apesar do atenuante, é nítido, analisando com cuidado o trecho citado, que há um rebaixamento de Mário de Andrade ante ao “marco zero” representado por Oswald, especialmente quando se entende que a crítica haroldiana, em consonância com o que prega Ezra Pound, tem como

17. CAMPOS. *Uma poética da radicalidade*, p. 13.

18. *Idem*, p. 14.

19. *Idem*.

20. Expressões como “poesia de invenção”, “escrita inventiva” e outras semelhantes, na crítica haroldiana, sempre estarão se referindo aos autores cujo trabalho com o aspecto material — concreto — da linguagem sejam mais explícitos. Em outras palavras, demarcam uma “linhagem de concretude”, na qual, evidentemente, a própria poesia concreta está inserida, mas que não começa nem finda nela.

21. CAMPOS. *Miramar na Mira*, p. xxiv.

valor máximo a questão da “invenção”. Se, como quer Haroldo, a história da prosa (e da poesia, afinal, aqui o autor faz questão de diluir as fronteiras dos gêneros) inventiva no Brasil é dada por Oswald e seus continuadores, e Oswald, por tudo que já foi exposto, se opõe essencialmente a Mário, então, é lógico que este pode ser compreendido como um autor “não-inventivo”. Esse posicionamento ficará ainda mais evidente quando do estudo introdutório às *Poesias Reunidas*, “Uma poética da radicalidade”, de 1968. Isso porque, neste, Haroldo de Campos faz suas comparações sem levar em conta o *Macunaíma*, logo, sem a presença da obra mais revolucionária de Mário de Andrade, sente-se à vontade para defender a ideia de que o autor manteve-se amarrado ao passado, enquanto que Oswald empreendeu o verdadeiro rompimento modernista:

a Paulicéia, com tudo o que trazia de novo, ainda não era a revolução; era a reforma, com seu lastro de conciliação e palavrosidade. A revolução — e revolução copernicana — foi a poesia “pau-brasil”, donde saiu toda uma linha de poética substantiva, de poesia contida, reduzida ao essencial do processo de signos²².

De modo análogo ao que fez Décio Pignatari em “Marco Zero de Andrade”, citado no início deste artigo, Haroldo de

Campos rastreia e/ou constrói sua linhagem, ao menos em termos locais, a partir da ideia de que a obra oswaldiana encarna uma “revolução”, i.e, rompe — e não apenas “reforma” — com tudo o que vinha sendo feito na literatura brasileira até então. Ao insistir nesta tradição que se faz por fora da tradição, ou por sua negação, Haroldo põe em cena o paradoxo da poesia moderna, tão bem comentado por Octávio Paz em *Os Filhos do Barro*, no qual a ruptura é apresentada como elemento agregador da própria tradição. Neste sentido, é possível pensar que o poeta concreto reivindica para a “tradição oswaldiana” — que não deixa de ser também a sua — o reconhecimento de ser aquela que verdadeiramente representa a modernidade na literatura brasileira. Diga-se ainda que esta autoinclusão, tão questionada pelos opositores do grupo Noigrandes, não vem sem razão, pois, com tal movimento, o crítico alinha-se a mais uma nuance da definição de Paz, a qual corresponde à noção de que a “tradição moderna apaga as oposições entre o antigo e o contemporâneo e entre o distante e o próximo”²³. Assim, indiretamente, o poeta concreto situa seu trabalho crítico não só como sendo *sobre* a poesia moderna, mas, antes de tudo, *da* poesia moderna.

Essa crítica produzida por Haroldo de Campos, com tudo que carrega de “ensimesmamento”, não passa sem provocar conflitos. A bem da verdade, ela necessita do

22. CAMPOS. *Uma poética da radicalidade*, p. 15.

23. PAZ. *Os Filhos do Barro*, p. 18.

conflito para sua existência plena: a história literária é pensada pelo autor como um lugar de contestações, de disputas, e não caberia neste tipo de posicionamento, por exemplo, um descritivismo reverencial do passado. Trata-se de um trabalho que tensiona muito com o tradicional e faz poucas concessões. É certo, também, que suas análises estão inseridas num projeto de leitura maior, que pode ser (e normalmente é) simplificado sob a alcunha de “projeto concretista” (ou, ainda de forma mais abrangente, apenas “vanguardista”), que o autor procura, por meio de cada um dos seus estudos, implementar e divulgar. Daí a organicidade das suas discussões. Partindo desse princípio, é legítimo pensar como Anderson da Silva, que vê a luta entre correntes críticas como pano de fundo da “guerra” Mário/Oswald na recepção concretista:

O Concretismo propõe outro estado de coisas, a partir de outros referenciais: a linguística, a semiótica, a teoria da informação. Desvincula-se escrita e história, estética e política. Em relação ao Modernismo, há todo um esforço especial em minimizar a escrita de Mário de Andrade. No fundo, através da negação do autor, nega-se o lugar que o legitimou, ou seja, a corrente histórica sociológica²⁴.

24. SILVA. *Mário e Oswald: uma história privada do modernismo*, p. 116.

Essa disputa entre tendências sociológicas e formalistas dentro dos estudos literários no Brasil, indubitavelmente, ganhou força com a atuação dos concretistas, e conta com interpretações contrárias — tão opostas quanto a própria recepção de Mário e Oswald. Se, por um lado, é fácil encontrar quem, como Affonso Romano de Sant’Anna, no ensaio com o sugestivo título de “O Sequestro de Mário de Andrade por Mallarmé-Campos”, acuse a “relação problemática” que os poetas concretos teriam com Mário de Andrade, o qual, no caso específico da leitura haroldiana, segundo o crítico, foi submetido ao mesmo reducionismo que “os concretistas impuseram a Maiakovsky, Pound, Cummings, Sousândrade, Mallarmé, Oswald e todos os autores aos quais submeteram sua visão formalista da realidade”²⁵. Por outro, também não é difícil encontrar aqueles que, como Paulo Franchetti, acreditam que uma das maiores contribuições do grupo Noigrandes foi justamente o vigoroso combate contra “a visada nacionalista e a hegemonia da aproximação sociológica à literatura, especificamente a sua versão paulista, sedimentada na Universidade de São Paulo”²⁶.

Um episódio interessante acerca desse choque de concepções críticas vem por meio de Gilda de Mello e Souza, que no seu *O Tupi e o Alaúde* questiona fortemente a interpretação do *Macunaíma* feita por Haroldo de Campos

25. SANT’ANNA. *Que Fazer de Ezra Pound*, p. 19.

26. FRANCHETTI. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*, p. 269.

em *Morfologia do Macunaíma*. De maneira semelhante a Affonso Romano de Sant’Anna, citado no parágrafo acima, Gilda de Mello argumenta que Haroldo praticou com Mário de Andrade uma crítica “reducionista”, na qual força a obra a caber num modelo de leitura pré-estabelecido — isto é, ao proposto por Vladímir Propp no célebre *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Em defesa do poeta concreto sai Leyla Perrone-Moisés, que em “Tupi or not tupi” põe em dúvida a “familiaridade” da autora com relação à bibliografia utilizada por Haroldo. O próprio poeta, por sinal, irá rebater os questionamentos de Gilda no ensaio “Mario de Andrade: a imaginação estrutural”, atualmente publicado em *Metalinguagem e Outras Metas*. Há ainda outros detalhes de idas e voltas dessa polêmica, porém, apesar de estimulante, não vem ao caso estender muito a sua descrição, uma vez que tal tarefa foi desempenhada a contento por Anderson Pires da Silva²⁷ no seu livro aqui já citado.

Todos esses desdobramentos de embates críticos servem para demonstrar como Haroldo de Campos amplia a guerra “mário-oswaldiana”. O que está em jogo não são apenas as obras dos autores em si, mas, talvez até antes disso, o que se disputa é o tipo de interpretação que tais obras suscitam, o tipo de “linhagem” que a partir delas se pode construir. Disputa-se, em última instância, uma visão da literatura.

Batalha mais do que crucial para a poesia concreta, pois, a depender do lado vitorioso, se tem a história da literatura brasileira escrita *com* ou *contra* o movimento encabeçado pelos poetas do grupo Noigandres. Ao que parece, entretanto, a guerra foi vencida pelos concretos, afinal, todas as histórias literárias os incluem, Oswald foi reposto em circulação e até hoje é editado e reeditado e, acima de tudo, pouquíssimos autores ainda o colocam à sombra de Mário de Andrade quando o assunto é o modernismo de 22. Por outro lado, vale a pergunta: ela se encerrou de fato? Assim como o próprio discurso de fim das vanguardas é questionável — por mais que os seus próprios agentes o tenham proferido —, a querela Mário/Oswald ainda parece permanecer de alguma forma em nossas letras. Mais do que uma tradição hegemônica, na qual se pode apontar com toda clareza uma linha mestra, o que restou da guerra foi uma tradição bipartida, nas quais as linhas permanecem divididas num conflito tácito sempre posto. Provavelmente por isso Haroldo não deixará de se interessar pelo tema, como comprovam, por exemplo, as marcações encontradas nas marginais dos livros de seu acervo²⁸.

Sobre isso, é interessante verificar — ainda que rapidamente — que num exemplar do acervo como *História da Literatura Brasileira: modernismo*, de Massaud Moisés, cuja edição data 1984, ou seja, mais de dez anos depois do

27. SILVA. Mário e Oswald: uma história privada do modernismo, p. 118-119.

28. As obras do acervo Haroldo de Campos encontram-se à disposição dos pesquisadores no Centro de Referência Haroldo de Campos (Museu Casa das Rosas). As consultas feitas para o presente trabalho ocorreram entre os dias 27 e 28 de fevereiro de 2018.

29. Vale inclusive no sentido de *sinais de interrogação*, pois Haroldo de Campos costumava indicar em seus livros passagens com as quais, ao que tudo indica, não concordava, grafando “?” nas margens.

30. MOISÉS. *História da Literatura Brasileira*, p. 86.

auge do processo revisionista empreendido por Haroldo de Campos, encontram-se inúmeras “interrogações”²⁹ acerca do que o autor expõe nos capítulos dedicados a Mário e Oswald de Andrade. Em ambos os capítulos se nota forte questionamento, mas no específico sobre o antropófago as discordâncias parecem bem maiores, uma vez que nele as marcações com os sinais de interrogações aparecem em praticamente todas as páginas. Numa destas, se vê claramente a persistência do embate entre os “Andrades” e o lado assumido pelo então professor da Universidade de São Paulo ao afirmar que: “Em que pese as tentativas de lhes vincar características precursoras, [os poemas de Oswald] não resistem ao paralelo com a poesia de outros coetâneos, a principiar por Mário de Andrade”³⁰. Por tudo que já foi dito, creio que não vem ao caso assinalar a posição contrária de Haroldo com relação a tal assertiva. Contudo, vale citar outra passagem, de mesmo teor, destacada pelo poeta:

Não obstante alguns críticos nelas [o par Miramar/Serafim] divisassem verdadeiras obras-primas, induzidos pelo experimentalismo e outros fatores contingentes, — essas narrativas exibem as marcações indeléveis do tempo: nem mesmo sua aura de obra precursora, refletindo o influxo do cinema ou as tendências avançadas da prosa europeia da época, lhes confere maior relevância, a não ser dentro da história do

Modernismo, especialmente da primeira fase. Ainda que se lhes possa conferir o papel de precursoras, no mais estão presas às coordenadas iconoclastas de 22, mal resistindo a uma leitura que as examinasse da perspectiva sincrônica³¹.

Ainda que sem mencionar nomes, é óbvio o direcionamento da crítica de Massaud Moisés aos poetas concretistas ou, para se manter o “pacto ficcional” de isenção, a todos aqueles que de algum modo procuraram ver na ficção oswaldiana algo mais de que a superfície de obra iconoclasta de um momento muito específico. Por todo o capítulo dedicado ao antropófago, Massaud seguirá a essa mesma linha de pensamento. Sendo assim, não é de se estranhar que Haroldo de Campos, ao final do referido capítulo, anote ironicamente: “Conclusão veleitária (desconhece o renascimento da obra oswaldiana nos anos 70 e 80)”. Até onde se sabe, Haroldo não chegou a produzir nenhum texto transformando essas anotações em confronto crítico direto com Massaud Moisés. De qualquer forma, os exemplos interessam como sinais da fixação do autor pelo assunto Oswald/Mário que, como se viu, representa muito mais do que mero embate entre escritores que um dia tiveram uma briga pessoal.

A guerra “mário-oswaldiana”, especialmente quando pensada com a crítica concretista, simboliza uma cisão a partir

31. *Idem*, p. 89-90.

da qual até hoje se pode ler a nossa história literária. A luta que Haroldo de Campos faz questão de fomentar é contra o discurso que, de acordo com as teorias da vanguarda, aceitou experiências pouco radicais, algumas vezes “diluidoras”, como sendo exemplares da modernidade literária brasileira. Não é apenas uma questão de se reconhecer, ou não, como fato histórico o pioneirismo de Mário de Andrade, mas antes de repensar a própria baliza, ou mesmo ideia de aceitação destes pontos como algo dado. A crítica de Haroldo tece um modo sutil de reescrever a historiografia, a qual desde já parece ser entendida como um discurso maleável: por que o livro de Mário seria um marco? Apenas por que veio antes? Para o pensamento haroldiano isto pouco importa se, mesmo vindo antes, não atinge os “critérios” de revolução moderna. Nestes termos, ou seja, nos termos da vanguarda, o “reformismo” não é suficiente — por mais próximo que possa estar da “revolução”.

Diante disso, àquele pendular de ideias do qual se falou no início do texto, pode ser acrescentado, ou dele desdobrado, um outro, cujos pontos extremos do pêndulo (Oswald e Mário de Andrade) confundem-se com palavras-chaves, paradigmas, da poesia moderna, tais como as ressaltadas por Compagnon: “antigo e moderno, clássico e romântico, tradição e originalidade, rotina e novidade, imitação e inovação, evolução e revolução, decadência e progresso

etc.”³². Em suma, é possível dizer que a operação básica da crítica de Haroldo de Campos, no que concerne ao tema dos “Andrades”, consistiu em reeditar a clássica querela entre “antigos e modernos” dentro do nosso modernismo, tomando, obviamente, Mário de Andrade como a personificação do “antigo”, e Oswald de Andrade a do “moderno”. Essa é a “guerra” que se pode (re)ver dentro da guerra. Se havia necessidade ou não dos embates, é difícil de definir, mas, sem dúvida, todo o confronto foi dos mais benéficos para a nossa literatura, pois não só abriu espaço para que o modernismo de 1922 fosse repensado como um movimento de dois líderes — antes apenas Mário recebia o título —, como impulsionou os estudos literários para longe da especulação acerca do caráter psicológico — a ideia de que Oswald era só um piadista inconsequente — que teria regido a separação de “Miramar” e “Macunaíma”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Aspectos da Literatura no Brasil**. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Oswald. **Telefonema**. São Paulo: Globo, 2007.

32. COMPAGNON. *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*, p. 15-16.

CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. **Teoria da Poesia Concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Ateliê, 2006.

CAMPOS, Haroldo. Miramar na mira. In: ANDRADE, Oswald. **Memórias Sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1972.

_____. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald. **Poesias Reunidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

COMPAGNON, Antoine. **Os Cinco Paradoxos da Modernidade**. Trad. Cleonice Mourão, Consuelo Santiago e Eunice Galéry. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Oswald: itinerário de um homem sem profissão**. Campinas: editora da Unicamp, 1989.

FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa**. Cotia: Ateliê, 2007.

HELENA, Lucia. Um caminho percorrido. In: TELES, Gilberto Mendonça (Org.). **Oswald Plural**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1995.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

POUND, Ezra. **A Arte da Poesia**. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Que Fazer de Ezra Pound**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

SILVA, Anderson Pires. **Mário e Oswald: uma história privada do modernismo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Recebido em: 01-05-2019.

Aceito em: 15-06-2019.